

ENTRE A ENXADA E A CANETA: VIAS DE PERCEPÇÃO SOCIOAMBIENTAL DOS ESTUDANTES DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA AVANI DE LIMA CUNHA

Diego de Brito Lima 1; Alessandra Alexandre Freixo 2

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Licenciando em Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), e-mail: Diego_brito90@yahoo.com.br

2. Orientadora, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), e-mail: aafreixo@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia da Alternância, Percepção Socioambiental, Educação do Campo

INTRODUÇÃO

A conjuntura de precariedade da educação no rural é fruto de resultados sociais, econômicos e culturais alicerçados a um histórico de políticas públicas traçadas para este contexto. Esta política está articulada com a lógica urbanocêntrica de educação (CAVALCANTE, 2007), embricada pela perspectiva unilateral entre cidade-campo, que resulta em uma educação que pouco dialoga com o modo de vida e a cultura das populações rurais, legitimando o êxodo e evasão para os territórios urbanos. (SILVA, 2000).

A trajetória de luta pela melhoria permanente das condições de vida, denominada por Cavalcante (2007, p,17) como “idiossincrasia em luta”, está presente na história de Valente, sobretudo no que tange sua formação comunitária, que permitiu a produção e reprodução de novos sentidos para a vida destes sujeitos. Neste contexto complexo e rico de relações socioambientais, nos cabe um questionamento: Quais as percepções socioambientais construídas entre os estudantes da EFA/ Valente, e como a EFA-Valente contribui para estas construções, diante do contexto da educação do campo?

Apesar das antigas fazendas de gado serem para os moradores mais velhos da comunidade uma referência do seu passado, permanecendo vivas nas memórias de muitos, estas pessoas reconhecem ter havido, com o avançar do tempo, uma mudança sensível no lugar onde vivem, mudança esta que denominam “a criação da comunidade” (FREIXO e TEIXEIRA, 2005).

Esta “criação da comunidade”, que teria iniciado na década de 1970, certamente modificou as relações sociais dos moradores das antigas fazendas, iniciando um movimento de valorização do trabalho no campo, fazendo emergir símbolos da vida em comunidade: a "caneta" e a "enxada", por exemplo, fazendo referência ao trabalho e educação, sendo entre estes dois elementos que me lanço a caminhar sobre os trilhos das vias de percepção socioambiental entre estudantes da EFA-Valente.

METODOLOGIA

Utilizamos como método neste estudo alguns princípios metodológicos da etnografia, que tem como principal instrumento de coleta a observação participante (OP). Flick (2004), afirma que a OP permite combinar, simultaneamente, análise documental, entrevista com respondentes e informantes, participação direta, observação e introspecção.

Nesta perspectiva, o desenho metodológico deste estudo encontra-se estruturado nos seguintes passos: Primeiramente, fizemos a análise documental, sendo os documentos

os planos de formação e o projeto político-pedagógico da EFA/Valente, de modo a analisar as representações e percepções que mediam as construções que dão sentido a Pedagogia da Alternância (PA) e ao ambiente que estes sujeitos estão inseridos.

Posteriormente foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, uma com um membro da coordenação pedagógica e outra com uma das professoras de ciências. Ambas as entrevistas levanta questões que permeiam as representações referentes à PA e o Ambiente. Vale ressaltar que tais entrevistas foram registradas em áudio.

As entrevistas com os estudantes da EFA-Valente (uma menina e um menino escolhido por sorteio) estão alicerçada as fotografias, pois é partir das imagens produzidas por estes sujeitos a cerca de seu ambiente que analisamos as percepções socioambientais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Escola Avani de Lima Cunha (EFA-Valente) foi fundada em 1996, pela necessidade de uma escola para os filhos dos agricultores, sobretudo, os que estavam engajados nas lutas da Associação dos Pequenos Agricultores do Estado da Bahia (APAEB). Tal associação remonta um aspecto relevante na formação comunitária e na própria fundação da EFA-Valente, não por acaso que a escola leva o nome de uma das líderes comunitária que se transformou em uma referência na luta pela melhoria da educação.

De forma geral, a EFA-Valente esta mais próxima da alternância copulativa ou integral, isto pode ser verificado, por exemplo, no projeto político pedagógico (PPP) da escola, quando afirma que a formação integral esta em intima ligação entre os momentos educacionais e de trabalho, na verdade, ambos os momentos são importantes para a aprendizagem e interação. O PPP da escola ainda destaca que um dos objetivos principais da EFA-Valente esta no associativismo, incentivo a participação em associações e na formação integral dos sujeitos, ou seja, o trabalho nas múltiplas dimensões da vida humana. Os formadores entrevistados (uma das professoras de ciências e um membro da coordenação pedagógica) ainda destaca outros aspectos relacionados a Pedagogia da Alternância da EFA-Valente: A professora/ monitora salienta que a EFA-Valente deve contribuir na formação de cidadãos engajados com sua realidade, além disso afirma que a interação professor-aluno nas EFA's se dão de maneira diferenciada em comparação a outras escolas, segundo ela, é como sair da relação professor-aluno e passar para à relação de amizade. Já o membro da coordenação pedagógica salienta que a convivência com o semi-árido se insere como eixo preponderante do trabalho pedagógico da EFA-Valente.

Em geral, os formadores representam o seu ambiente como um lugar onde se vive (SAUVÉ, 2005), um lugar onde se conhece e cuida: o ambiente como nossa casa. Esta representação nos fala de um ambiente complexo, no qual pessoas, animais, plantas... vivem e se relacionam no ambiente vivido. Este sentido dado ao ambiente também esta presente nas percepções dos estudantes, porem existem algumas nuances quando confrontamos o dito com o que foi produzido nas fotografias.

Para falar destas nuances podemos destacar dois pontos: a estudante entrevistada expressa um sentimento topofobico com o ambiente comunitário quando afirma que não fotografou sua comunidade por ser “feia”, pois só tem “mato” e “roça”. Tal percepção impõe uma limitação a um dos eixos principais de formação da EFA-Valente: o incentivo a participação nas associações comunitárias. A segunda nuance observada emergiu a partir do fato do estudante não ter fotografado pessoas, justificando tal fato afirmando que era somente para fotografar o “meio ambiente”. Tal representação refere-se a um ambiente como recurso, o “meio” em que retiramos os elementos básicos para

sobrevivermos. O “meio” acaba, portanto, nos separando do ambiente e alimenta a construção de imagem no qual o ser humano não entende o ambiente enquanto um espaço vivido, mas usado.

Sendo assim, a convivência com o semi-árido, elemento central do trabalho da EFA-Valente, alicerçado a uma representação de ambiente como recurso, como natureza, pode estar subsidiando visões que podem naturalizar ou reduzir questões socioambientais, sobretudo, no que tange a seca, elemento central nas discussões de convívio com o semi-árido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Escolas Famílias Agrícolas segundo os elementos analisados possui um grande papel na alternativa real de uma educação que considere as peculiaridades dos sujeitos do campo. A própria trajetória socioambiental da EFA-Valente marcada pelas lutas dos movimentos sociais, que se apresentam como uma via de construção das representações e percepções que edificam uma identidade socioambiental que mediam as relações educativas, fora e dentro da sala de aula.

A história da organização comunitária exerce uma influência fundamental nas representações dos envolvidos na dinâmica socioambiental da EFA-Valente. Não é por acaso que, de forma geral, as pessoas que participaram desta pesquisa representam o ambiente como uma comunidade, um espaço de se viver, que se deve cuidar e preservar. Este Ambiente é o Campo, que se move que senti e que se vive. Na minha leitura, esta perspectiva se configura como um olhar avançado em relação a concepções hegemônicas.

Contudo, existem desencontros observados nas percepções dos estudantes que se apresentam como limitações aos objetivos proposto pela EFA-Valente. Podemos destacar duas destas limitações: A percepção topofóbica para a comunidade detêm em si um entrave na perspectiva do associativismo (um dos pilares da PA) e na própria formação integral do sujeito. O Ambiente visto como um espaço de vida pressupõe participar, intervir, sentir, olhar, ser visto, se engajar... Dificilmente um sujeito tem esta prática em lugares que não lhe agradam.

A percepção de ambiente reduzida ao um “meio”, um recurso, no qual o ser humano se utiliza, coloca em evidencia o discurso da sustentabilidade e da própria convivência com o semiárido, tão debatida na EFA-Valente. A redução do ambiente como “meio” implica em uma leitura na qual não relaciona os aspectos sociais aos ambientais, mascarando as relações de poder intrínsecas às disputas políticas do lugar, ou seja, o problema da seca pode ser entendido, por exemplo, no viés naturalizado, produzida existencialmente pelo “meio”, e ainda, a resolução seria buscada através da gerência e controle deste “meio” precarizado.

As percepções socioambientais estão intimamente relacionadas aos percursos coletivos e aos pessoais. A EFA-Valente é o espaço no qual estas duas dimensões se confrontam, portanto, é papel da escola fomentar não só o conhecimento sobre a história das comunidades e da escola, mas levar em conta os sentidos pessoais que se agregam a estas histórias.

A formação socioambiental, portanto, surge como uma necessidade para o alcance de uma formação integral em Alternância. Trabalhar o sujeito nas dimensões socioambientais conota alcançar as entranhas das questões sociais, culturais, econômicas, políticas e ambientais.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, L. O. H. *Escola Família Agrícola: entre os percursos sociais, trajetórias pessoais e implicações ambientais*. (Tese) Doutorado, Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil. 2007.

FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução de Sandra Netz. Porto Alegre: Bookman, 2004

FREIXO, Alessandra A.; TEIXEIRA, Ana Maria F. *Memórias do rural: uma proposta de educação ambiental em uma escola família agrícola da região sisaleira da Bahia*. In: Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental, 3., 2005, Ribeirão Preto. *Anais...* Ribeirão Preto: USP, 2005.

SAUVÉ, Lucie. Educação Ambiental: Possibilidades e Limitações. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, maio/ago. 2005.

SILVA, Lourdes Helena. Centros Familiares de Formação por Alternância: Avanços e perspectivas na construção da educação do campo. *Cadernos de Pesquisa Pensamento Educacional*, v. 8, p. 270-290, 2009.